

DUAS CONTRIBUIÇÕES: MEMORIAL DAS CHEIAS E MULHERES INVISÍVEIS DE UMA ENCHENTE QUALQUER

Livia PetryJahn^{1*}

MEMORIAL DAS CHEIAS

IV

Era um cavalo sagaz,
Servindo a família,
No galope e na charrete,
Era um cavalo marrom,
Da cor do Caramelo,
Da cor dos olhos teus
Quando veem o sol se pondo,
Quando veem o socorro.

Pelo brilhoso,
Noz moscada feito crinas de outras vidas,
Sem encontrar pasto que o valha,
Montado no último telhado,
No último resto de chão seco,
Feito um bicho acuado
Sobre um navio aos pedaços.

E assim, em meio ao rio,
Às cheias todas,
Fitando as águas sobre a cidade,
Ele foi encontrado,
Um singelo cavalo,
Um cavalo que vale um povo inteiro,
Uma nação em quatro patas,

1 * Pós-Doutorado em Literaturas Portuguesa e Luso-Africanas pela UFRGS/CAPES, Escritora, Poeta, Contadora de Histórias.

Uma república em desespero de causa,
Erguida sobre a esperança
De uma barca.

VI

Minha mãe e o rio,
A voz de minha mãe gritando:
Vai, vai com o tio!
As lágrimas nos olhos dela,
E o helicóptero subindo,
Subindo,
As cordas amarradas firmes,
As mãos fortes do tio
Segurando meu corpo frágil,
Meu corpo de criança.

Minha mãe e o rio,
Separados assim,
Ela de mim,
Uma moça tira foto,
Um celular vai chamar o nome de minha mãe,
Numa rede social,
Numa rede de gente
Que um dia também nasceu
De uma mãe como eu.

Minha mãe e o rio,
E o chão de piso frio do abrigo,
E as pessoas outras, tontas,
sem saber o que fazer,
aonde ir.

Minha mãe e o rio,
As mãos abanando pra mim,

De longe,
As mãos cheias de perfume da minha mãe,
O cheiro da lavanda e da clorofina,
O cheiro do detergente.
O cheiro da água levando as mãos da mãe
Pra outra margem,
Longe das hélices que voam,
Longe do barulho do motor,
Do rádio do piloto.

MULHERES INVISÍVEIS DE UMA ENCHENTE QUALQUER

CARLA, SARAH E O DESASSOSSEGO

Da primeira vez que pisei no Abrigo, vi chegar quase em prantos, num muxoxo, a moça Sarah e seu cabelo desgrenhado. Balbuciou qualquer coisa como quem pedisse socorro, entendi que sua mãe necessitava de ajuda. A mãe de Sarah estava escorada no corrimão da escada que levava aos dormitórios. Cheirava a urina e suor, segurava uma muleta suja, apertava os olhos como se isso fosse recobrar-lhe a visão perdida pela doença. A doença: HIV positivo. Fosse ela uma senhora dos seus sessenta anos na aparência; e quarenta e nove por fazer no registro civil.

Sarah mal se sustinha em pé, pouco podia ajudar a carregar sua mãe até a sala das refeições. Ambas sofriam de uma espécie de letargia do pensamento. Pouco entendiam das coisas mais triviais e corriqueiras, tipo: buscar uma xícara de café, fazer um pão torrado na torradeira elétrica. Em tudo necessitavam de auxílio. Assim, tornei-me a ajudante predileta de ambas. Em especial de Sarah: uma moça de dezenove anos num corpo semi andrógino, com a fala e os trejeitos de uma criança de três anos.

Não foi difícil entender seu mundo: num gesto simples, peguei um porquinho de plástico em cima da mesa de entrada do Abrigo e fiz uma voz como se fosse o bicho a falar. Sarah se encantou com o brinquedo, pegou-o, examinou-o, escutou-lhe fazer barulhos, e riu quando inventei uma música para o porquinho.

E assim, em pequenos gestos de cuidados vários, fui ganhando o sorriso e a confiança de Sarah. Ajudei-a o quanto pude: desde a banhar-se,

escovar os cabelos, vestir-se, até servir-lhe o prato nas refeições do Abrigo. A mocinha em falas de criança, aos poucos foi crescendo: dei-lhe uma mandala para pintar, e ela se esmerou nisso. Conte-lhe a história de Rapunzel, enquanto ela recebia as escovadas no cabelo de mim, e o rabicó, e a tentativa de fazer-lhe tranças.

Mas a sua maior alegria mesmo, foram os preparativos para a Festa de São João da Paróquia de Lourdes: vestiu o chapéu de palha, rindo e se mirando no espelho, e tirando foto para o celular. Vestiu com o júbilo dos recém-nascidos, o vestido de prenda branco com enfeites em roxo e lilás. Eu também pus minha saia e blusa de prenda, o poncho vermelho, e, juntas, fomos nós, mais outras tantas mulheres do Abrigo, à Festa Junina.

Ali, ela desfilou no Concurso da Mais Bela Prenda, ganhou um prêmio, comeu pipoca e bebeu quentão, dançou a quadrilha, mesmo que desajeitada, e assim, terminamos os festejos, com o microfone da paróquia anunciando os parabéns aos aniversariantes do dia, sua mãe incluída neles, cortando e servindo o bolo de maracujá, feito especialmente para aquela data.

A mãe de Sarah, a quem chamarei simplesmente assim, de Carla, tem um olhar malévolo que me incomoda deveras. Feito escondesse dos outros, uma inveja atroz e uma ira sem nome ou tamanho. Algumas vezes, observando-a, vi o tal olhar frio e ruim. Fosse um tiro saindo da cara, atravessando as paredes, atravessando as pessoas. Carla e seus subterrâneos: jamais saberei ao certo o quanto nela há de maldade, de dissimulação ou de falta de consciência das coisas do mundo. O verdadeiro eu, nela se desfaz em mil máscaras, e nunca sabemos qual das máscaras pegada à pele é a real ou a falsa. Deslizando feito uma enguia, Carla sempre acha soluções aos seus problemas que incluem pôr a própria filha em risco.

Foi numa manhã de frio e sol, que ela veio com a notícia: de que teriam uma casa à disposição. Casa essa, de parentes distantes, que por caminhos de whats app souberam da liberação do Auxílio-Reconstrução em nome de Carla. O quanto dura o amor em família? Eu diria, clinicamente, como o Bruxo do Cosme Velho, que neste caso, o amor dura o tempo exato de gastar o dinheiro do Auxílio do Governo Federal.

Para minha surpresa, naquela manhã de inverno, Sarah foi tomada por um espírito crítico e decidido que até então, eu não lhe vira na face quase ingênua, quase infantil. Ela disse em tom peremptório à sua mãe que para a tal casa, na dita vila, não iria de jeito nenhum. Deixou escorregar nas entrelinhas o nome do irmão de uma das pessoas de lá. Não sei por que artes o tal sujeito lhe causava asco e ojeriza, mas desconfio de muita coisa que nem Sarah, nem eu, ousamos pôr em palavras. Há homens e homens neste

mundo... E há aqueles que, vendo um corpo esguio de adolescente, sentem o lampejo de apossar-se dele, não importando se ali habita uma alma sensível e desamparada.

O fato é que Carla fez um pequeno teatro, uma careta de decepção, mostrou-se infeliz e lacrimosa, como uma criança de quem arrancam o doce, antes em suas mãos. Mas no fundo de sua dissimulada tristeza, Carla conhecia bem os riscos de viver naquela vila: a prostituição (da filha?) e o tráfico de entorpecentes. Pouco sabíamos das ocupações de Carla, exceto que vivera anos a fio como catadora. Tinha ela, no abrigo, uma amiga e vizinha de infortúnio, também catadora e assídua visitante dos galpões de reciclagem. Cacilda e Carla muitas vezes faziam as refeições juntas, e riam-se dos trejeitos de certas mulheres, todas elas vítimas das enchentes, todas agora desabrigadas. Sob um mesmo teto comum, histórias de tragédias e perdas. Gente como a gente, tão humanos, tão mortais e tão frágeis quanto qualquer um de nós.

Mas houve o momento em que Carla, de fato, desfez-se numa depressão atroz. Foi no domingo ensolarado em que visitou os restos do seu barraco depois de finda a inundação. Uma médica, ela também voluntária, levou-a de carro até a invasão onde costumava habitar antes das cheias do Guaíba. Carla trouxe apenas o coração despedaçado e um vídeo do que restara. Desabou em prantos, sentada numa cadeira de plástico à entrada do Abrigo. O lugar, mantido por doações de pessoas comuns e por um parco dinheiro estatal, era provisório. Duraria um ano, ou no máximo ano e meio. Quando o abrigo fechasse, para onde ela e a filha iriam? Ela não tinha horizontes, nem respostas a essa pergunta.

A angústia de virar mais uma sem-teto, ela que nunca fora mendiga, de viver debaixo de marquises, ao relento. Essa possibilidade aterrorizava Carla. Ainda mais sabendo que a filha, especial, não sobreviveria às intempéries de tanta desgraça. Sarah, que sofria de epilepsia e vinha de um longo tratamento para tuberculose.

Não sei ao certo, se foi o choque de ver destroçados os vinte anos de lutas e economias advindas do barracão de reciclagem, se foi o fim de todos os sonhos possíveis, ou o que foi, mas daquele domingo em diante, Carla virou uma sombra de si mesma e Sarah amanheceu sem conseguir ficar em pé.

Foi necessário chamar a Samu para levar Sarah a uma Unidade de Pronto Atendimento. Ali, numa cadeira de rodas, depois de examinada pela médica, e, aguardando o laudo médico e a prescrição dos exames a serem feitos, Sarah falou-me de sua urgência em ir ao banheiro. Procurei três vezes as técnicas de enfermagem, busquei saber onde ficava o banheiro acessível da UPA, e ninguém foi capaz de informar-me ou de nos ajudar.

O resultado? Sarah fez xixi nas calças, em cima da cadeira de rodas, molhou o consultório médico, e a plantonista em desespero, chamou apenas uma servente que limpou o recinto e me segredou: isso foi pura maldade.

Depois disso tudo, finalmente descobrimos o banheiro acessível, na entrada da UPA, sujo, com a patente molhada, e sem sabonete que o valha. Ali, ajudei Sarah a descartar a fralda encharcada e a fazer a coleta do exame de urina que a médica solicitara. Fui com ela até a sala de raio X, a técnica me dando instruções, chamando-me Mãe, pois ignorava até ali que eu era apenas uma cuidadora voluntária daquela moça especial. Acalmei Sarah durante a coleta de sangue para os últimos exames. Depois de todos os ritos terminados, esperamos no corredor da UPA longas seis horas, sem que o laboratório liberasse qualquer resultado.

Apenas de quando em quando, aparecia outra técnica de enfermagem “para uma nova coleta porque o sangue dela coagulou no trajeto até o laboratório.” Sarah cada vez mais amedrontada, se esquivava de injeções. Ainda assim, foi feita nova coleta e novamente aguardamos os resultados em vão.

Às 21:33 da noite, soubemos que... o sangue coagulava outra vez! Sarah vinha implorando-me para ir embora e por uma refeição qualquer. Resolvi que quatorze horas de espera em vão, sem comer, no frio do inverno, assistindo toda sorte de gente urrar de dor, vomitar no corredor, ter ataques do coração em frente a nós duas, já era demais da conta. Pedi à técnica de enfermagem que nos liberasse. A moça, em jaleco branco e sem paciência, deu de ombros, e simplesmente retirou do pulso de Sarah a pulseira de identificação que dava acesso aos serviços da UPA. Pedi pelos resultados dos outros exames. Num muxoxo, a técnica referiu que não “havia nenhum exame no sistema.” E eis tudo!

Saímos as duas, na noite da Vila Bom Jesus, no frio, em busca do boteco em frente para saciar a fome com um singelo pastel de carne. Entramos no Uber a caminho do abrigo sem um reles boletim de atendimento. Nem receita médica. Nada que referisse nossa presença ali por quatorze horas seguidas.

O resultado desse périplo todo? Acabamos ficando com a sugestão da médica de que poderia ser três diagnósticos possíveis: uma tuberculose reincidente, uma pneumonia grave ou uma doença oportunista no caso de Sarah também ser HIV Positiva como sua mãe.

No dia seguinte ainda retornei ao abrigo. Para adoecer em seguida, e ver-me subitamente subtraída de todas as mazelas daquele lugar. Agora, respirar dói-me, como soem doer os pulmões. Respirando e escrevendo vou vivendo, não a vida que pedi a Deus, mas a vida que Deus concebeu que eu vivesse.